

O surgimento de uma tradição: sociabilidades na torcida organizada Garra Tricolor em Fortaleza (1980-1992)

Resumo: Este trabalho versa sobre o surgimento das torcidas organizadas em Fortaleza, na década de 1980, com ênfase na fundação da “Garra Tricolor”, pioneira na organização coletiva de torcedores. Durante o século XX, as torcidas se transformaram e se configuraram como objetos de investigações nas Ciências Sociais. Em Fortaleza, essas mudanças passaram pelo balançar dos chapéus e das fitas na primeira metade do século XX, pela “Charanga do Gumercindo” nas arquibancadas até a criação da primeira torcida organizada do Estado do Ceará: a “Garra Tricolor”, longa trajetória em que os torcedores incorporaram significados e experiências diferentes. Nessa perspectiva, objetiva-se analisar as sociabilidades e as subjetividades dessa torcida organizada cearense. A partir das considerações de Luiz Henrique de Toledo, Bernardo Buarque de Hollanda, Hilário Franco Júnior e Luiz Ribeiro, formulou-se o quadro teórico preliminar. A metodologia da pesquisa histórica foi norteadada através do manuseio e da investigação dos periódicos O Povo e Diário do Nordeste, e também pelo rigor metodológico do conjunto de técnicas e de procedimentos da História Oral. As fontes utilizadas, portanto, são as reportagens dos jornais, as entrevistas realizadas com fundadores e componentes da torcida organizada, o seu estatuto e as imagens.

História e Esporte: aproximações e possibilidades de pesquisa

A “consciência de historicidade” vem mostrar, a cada um de seus praticantes e apreciadores, que o esporte como um todo – e também o esporte realizado na expressão de cada uma de suas modalidades e na contribuição viva de cada um dos seus desportistas e incentivadores – é simultaneamente sujeito e produto da história, além de meio e fonte através do qual podemos compreender a própria história em seu sentido mais amplo. (2013, p.11-12)

Ao discorrer sobre o campo de pesquisa da História do Esporte e o seu recente crescimento no Brasil, José D’Assunção Barros atribui à “consciência de historicidade” do esporte entre os estudiosos e os seus apreciadores para o crescente número de estudos na área.

A nova incursão da história no esporte, entretanto, mostra que existem ainda muitos temas a serem alçados pelos investigadores. E essas possibilidades emergem da riqueza de detalhes que envolve o esporte, desde sua produção, recepção e prática, como também pela importância que adquiriu no século XX.

Destaca-se, nesse processo, o pontapé realizado desde os anos 1990 na produção de estudos voltados à história do esporte em periódicos, livros e congressos,

entendendo que podem se debruçar tanto sobre as diversas modalidades de práticas corporais institucionalizadas como também pelas várias histórias através do esporte.

Nesse sentido, a “consciência de historicidade” do esporte contaminou os domínios da história, revelando detalhes, experiências e problemas que ampliam os limites da produção historiográfica. Esta realidade aproxima a história ao esporte e abre perspectivas em diálogo com a conjuntura da historiografia contemporânea: o surgimento de novos problemas e questões e, em consequência, objetos de pesquisa antes desconhecidos ou vistos com indiferença, pois “com a conquista de novos objetos e de novos territórios, a acumulação de trabalhos eruditos, o aprofundamento dos métodos, o avanço da informática, a prática do historiador foi grandemente renovada” (BOUTIER; JULIA, 1998, p.21)

Este trabalho aborda a formação das torcidas organizadas na cidade de Fortaleza, as quais são agrupamentos de torcedores que estão em constante transformação, se ressignificam e se multiplicam no cotidiano urbano por meio de símbolos identitários, configurando “estilos de vida” (CAPRARO; CAVALCANTI; SOUZA, 2013). Portanto, pretendemos investigar o surgimento dessa tradição através da torcida organizada Garra Tricolor, fundada em 1980 e extinta em 1992 na cidade de Fortaleza, a pioneira segundo as fontes primárias e as fontes orais utilizadas.

Mergulhar na aventura de chegar ao passado, tentar entender e explicar como grupos de torcedores davam sentido aos seus mundos, entretanto, não constitui uma tarefa fácil. Embora a verdade seja uma meta para o historiador, pretende-se aqui trabalhar com o possível, com os “efeitos de verdade” e com o “verossímil”. (PESAVENTO, 2003)

Assim, as histórias através do esporte, não apenas aquelas que abarcam a realidade dos torcedores, possibilitam o entendimento da realidade, da manifestação, da organização e da produção de sentidos no espaço, pois

Através de cada realização no universo do esporte – iluminada pelo olhar historiográfico, sociológico e antropológico – podemos compreender como a sociedade funciona, como cada cultura se expressa, como a política se estabelece ou como a economia se modifica. (MELO; MURAD; SANTOS; FORTES, 2013, p.12)

Portanto, as histórias através do esporte oferecem ao historiador um “prato cheio” e uma ferramenta para compreender a sociedade, ou seja, para entender a própria história. O historiador, nessa perspectiva, é um sujeito que tem papel fundamental na relação de trabalho com o empírico e as descobertas. Segundo Sandra Pesavento, “a história cultural veio valorizar o – e dar reforço ao – papel do historiador” (2008, p.12)

Situa-se esta proposta de estudo das torcidas organizadas no âmbito da história cultural do esporte na medida em que intentamos buscar o que o esporte representam para os componentes da torcida organizada Garra Tricolor, e o que esta “instituição” simboliza para seus integrantes. Assim,

[...] quando falamos de uma história cultural do esporte referimo-nos aos estudos em que o viés recai justamente sobre as representações construídas em torno do objeto. [...] Em outras palavras, os estudos devem estar preocupados com o que as práticas esportivas *representam*: para pessoas (que gostam ou que não gostam do esporte), países, políticas, torcidas, fãs, associações, grupos, entidades, clubes, famílias, etc. (2013, p.57)

Apontadas as questões iniciais, refletiremos sobre a formação das torcidas organizadas em Fortaleza através da Garra Tricolor, revelando os motivos, o modo como esses grupos sociais deram sentido as suas experiências e traduziram seus sentimentos em sociabilidades co cotidiano urbano.

Os porquês das Torcidas Organizadas: formação e consolidação em Fortaleza

A transformação do público que frequenta os estádios acontece desde a chegada do futebol nas várias cidades, seja no que toca ao poder aquisitivo dos torcedores, ao comportamento e a própria estética das arquibancadas.

Na segunda metade do século XX, as charangas eram as atrações dentro e fora dos estádios. Com um conjunto de instrumentos de sopro e de percussão e músicas tradicionais, as charangas animavam o público presente nos estádios. Na cidade de Fortaleza, a mais ou uma das mais conhecidas charangas era a de Gumercindo Gondim, conforme podemos perceber em uma recordação do jornais Diário do Nordeste:

Ninguém animou tanto a torcida do Fortaleza quanto Gumercindo Gondim. Aí [foto] ele aparece a frente de sua famosa charanga, antes de mais uma movimentação no Castelão [Estádio Plácido Aderaldo Castelo]. Com essa charanga, Gumercindo ganhou também vários troféus, participando dos carnavais de rua de Fortaleza. Depois da morte de Gumercindo, nunca mais houve outra charanga tão completa. (**Diário do Nordeste**, 26.abr.1991, p.16)



Foto 1: Charanga do Gumercindo Gondim.
Fonte: Jornal Diário do Nordeste

Aos poucos, as charangas deixam de ocupar o papel principal da animação dentro dos estádios. A partir da década de 1980, surgem as primeiras torcidas organizadas em Fortaleza, que, por muitos anos, utilizaram os instrumentos e as músicas cantadas pelas antigas charangas.

Embora tenham mantido o significado das charangas, essas torcidas organizadas eram compostas por jovens inseridos em gerações distintas daquelas que fundaram e consolidaram as charangas. A cultura juvenil era outra e, dessa forma, as torcidas organizadas trouxeram novos aspectos para os estádios, fora deles e nas relações com as diretorias dos clubes.

Os meios de comunicação, nessa perspectiva, procuravam expor a necessidade das torcidas se organizarem, protestarem lutarem por direitos frente aos dirigentes, assim

Já seria uma bora hora para estas torcidas se organizarem de fato e usarem a força que podem ter para mudar muitas decisões tomadas contra eles mesmos. Falta às torcidas de Ceará, Fortaleza e Ferroviário um líder para agrupar forças em torno de um ideal, de uma opinião, do direito de torcer e não ser esbulhado na hora que bem querem os dirigentes. Se cada grupo de grande torcedores se unisse para formar uma sólida torcida organizada as coisas poderia ser manipulada de maneira diferente, pois só assim o torcedor, responsável direto pelo sucesso do espetáculo, seria mais respeitado. (**Diário do Nordeste**, 31.jul.1982, p.19)

Dessa reportagem de 1982, que por vezes se aproxima de uma convocatória aos torcedores, infere-se o desejo de solidificar os direitos dos torcedores através da união dos grupos de torcedores a fim de que sejam respeitados. Pouco tempo depois da formação da primeira torcida organizada em Fortaleza, portanto, esperava-se que esses novos agrupamentos agregassem esses valores.

E, de fato, as torcidas jovens possuíam esse viés contestador, às vezes, contraditório face ao amor e ao incentivo aos seus respectivos clubes. O “mantra” de apoio irrestrito ao clube era colocado em questão, principalmente nas crises, momentos em que os torcedores se aglomeravam diante das torcidas organizadas. Em um dos casos ligados à torcida organizada Garra Tricolor, o jornal Diário do Nordeste mostra a reação pioneira desse grupo frente a uma decisão da diretoria:

Pela primeira vez, na história do futebol cearense, um treinador é demitido pela diretoria do Fortaleza, e sua torcida se solidariza com o técnico, a ponto de levá-lo à Praça do Ferreira, nos braços. Foi o que aconteceu ontem pela manhã, com Célio de Sousa. O presidente da “Garra Tricolor”, Ricardo Lemos, revoltado com a atitude do presidente Silvio Carlos, entregou o cargo, alegando que jamais vai lutar em prol do Fortaleza, pois se conscientizou de que a própria diretoria quer o pior para o clube. Após a dispensa, o treinador Célio de Sousa foi levado por integrantes da “Garra”, para um restaurante da cidade... (**Diário do Nordeste**, 30.abr.1982, p.20)

O presidente da “Garra Tricolor” entregou o cargo após a atitude do presidente do clube e os integrantes da torcida também se opuseram à demissão do treinador, situação que revela um embate entre a torcida organizada versus a diretoria do clube. Assim, além do apoio aos seus clubes através da arrecadação de dinheiro, churrascos e bingos, essas torcidas organizadas faziam frente ao que encaravam como errado pelos representantes dos seus clubes.

Nessa perspectiva, a formação das primeiras Torcidas Organizadas no Ceará nos remete ao início dos “anos 1980”. O crescimento dessas torcidas nesse período se insere em um processo de modificação das formas de torcer que acontece conforme as transformações da sociedade. Bernardo Buarque de Hollanda, ao refletir sobre as torcidas organizadas no Rio de Janeiro, afirma que a emergência das torcidas jovens está relacionada ao contexto dos anos 1960 no Brasil e no mundo de postura contestadora. Logo, “é possível salientar como, no decorrer da segunda metade do século XX, a frequência, o comportamento e o perfil dos estádios foram sendo alterados

de maneira contínua e acompanharam também as transformações oriundas da sociedade” (HOLLANDA, 2008, p.185)

Segundo os periódicos consultados e as fontes orais aqui tratadas, a primeira torcida organizada do Estado do Ceará foi criada em 1980 por um grupo de estudantes universitários e torcedores do Fortaleza Esporte Clube, cujo nome escolhido foi Garra Tricolor. O jornal O Povo, sobre os fundadores, lembrou:

O amor e o apoio financeiro ao “Leão do Pici” demonstrado por Nestor Falcão, José Carlos Mota e Francisco José Baquit, teve início numa época muito difícil que o Fortaleza esteve atravessando no Campeonato Cearense de 1980. Os três, juntamente com Ricardo Lemos, na presidência, Gbson Rolim, Tomás Pompeu, Luciano Matos, Robson, Sérgio Machado e outros tricolores, fundaram a 4 de outubro daquele ano, a Garra Tricolor, a primeira torcida organizada do Estado. [...] A maioria dos jovens estudantes da Unifor [Universidade de Fortaleza] que fundou a única torcida organizada com estatuto no Brasil já está formada e casada. (**O Povo**, Fortaleza, 17 jun.1985, p.14)

No caso específico da Garra Tricolor, percebe-se que o perfil jovem dos fundadores se confirma. Quase todos os componentes eram estudantes universitários na data de fundação da torcida, 04 de outubro de 1980, em um ambiente em que as ideias de aglomeração, união e da concepção de sociedade foram levadas para o ambiente esportivo.

As torcidas organizadas, portanto, estão imersas em uma sociedade em transformação, apropriando-se da conjuntura, readaptando seus comportamentos, influenciando e sendo influenciada pelo contexto dos anos 1980, no caso da experiência na cidade de Fortaleza.

Garra Tricolor: pioneirismo, tradição e sociabilidades

Cabe, em contrapartida, duvidarmos do pioneirismo da Garra Tricolor, levando em conta a intencionalidade com que as fontes – principalmente as orais – terrem assumido o discurso de ser a primeira torcida organizada do Estado do Ceará. O historiador trabalha com pistas, com indícios e sintomas (GINZBURG, que podem levá-lo ao mais próximo do fato, reconstruindo, assim, o seu objeto de pesquisa.

Tomando como pioneira a torcida organizada Garra Tricolor, importa levar em consideração outros detalhes da sua experiência e da sua influência sob o

surgimento das outras torcidas, como é o caso de compreender os interesses e os objetivos dos seus fundadores. Francisco José Baquit, nesse sentido, afirmou em entrevista:

Eu viajava muito com meu pai, viajava muito pro Rio, São Paulo, Porto Alegre, em todo canto que eu ia eu ia pra estádio. Onde tinha jogo, meu pai me levava pro estádio. E eu via as torcidas juntas, o pessoal torcendo com gritos de guerra, com aquela empolgação e eu fiquei pensando: por que a gente não faz lá? [...] Porque a gente não vai atrás? Aí na época eu fazia faculdade, fazia administração. Aí eu comecei a manter a contato. Na época não tinha email, não tinha internet, era correspondência mesmo. Por ser tricolor, eu entrei em contato com a Torcida Jovem do Fluminense e entrei em contato com a Torcida Uniformizada do Palmeiras, TUP. (Francisco José Baquit Correia, Fortaleza, 10 de agosto de 2013)

Nessa perspectiva, para os fundadores da Garra Tricolor, a ideia de criar uma torcida organizada na cidade de Fortaleza teve influência de outras torcidas organizadas, principalmente as do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Mesmo sem a presença da internet, existia uma certa facilidade em manter contato com componentes de outras torcidas revela a possibilidade da troca de informações nesse período, convergindo também para a relação entre o futebol e a globalização (RIBEIRO, 2007).

A formação das primeiras torcidas organizadas em Fortaleza foi alavancada pela organização - inclusive estatutária - e pela ideologia da Garra Tricolor. O periódico Diário do Nordeste, em reportagem, destacou as atividades da Garra Tricolor ao colocá-la como referência:

[...] a Garra Tricolor apresenta uma bem montada estrutura, tanto organizacional como financeira. Tanto é que para seus 800 componentes entrarem na Torcida precisam comprar camisa nas cores branca, azul e vermelha e com as iniciais G.T. e preencher uma ficha. Antes de cada jogo a torcida se reúne no Kantão [restaurante], na [Avenida] Pontes Vieira. Lá seus membros ficam mais de uma hora, cantando, bebendo e batucando. Expondo suas 47 bandeiras padronizadas e suas enormes faixas, eles criaram um ambiente de festa no local, terminando por convocar os transeuntes e os motoristas que passam na avenida para irem prestigiar o Fortaleza. Do Kantão, eles saem em caravana até o Castelão, onde sentam sempre no mesmo local, ou seja, à direita das cabines de rádio, lugar tradicionalmente destinado à torcida do Fortaleza. (**Diário do Nordeste**, Fortaleza, 19 ago.1983, p.24)

Percebe-se que existia um ritual anterior aos jogos de futebol: os membros da Garra Tricolor encontravam-se no Restaurante Kantão, ensaiavam gritos de guerra e charangas, caminhavam em direção ao estádio, construindo sociabilidades através

daquela torcida organizada. Os encontros dentro e fora dos estádios fortaleciam o agrupamento de torcedores e denotavam a formação de uma identidade, aspecto que os diferenciava e consolidava o grupo.



Foto 2: Bandeiras da torcida Garra Tricolor.
Fonte: Arquivo Pessoal Osvaldo Fontenele

Um dos fundadores, Gbson Rolim, em depoimento, demonstra como os componentes se associavam e como as vivências se ampliavam para além do futebol, do campo e da torcida:

Em 81, quando a violência não existia praticamente, nós já nos preocupamos em fazer o cadastro de todos os associados, a pessoa pra se associar a Garra Tricolor, ela tinha que passar por uma triagem. Então, a gente só aceitava quem a gente achava que deveria aceitar. E a torcida foi formada com o intuito principal era motivar o time. E a outra nós formamos um grupo de amigos, onde na própria torcida houveram pessoas que se casaram, componentes da torcida que chegaram a se casar. Era uma irmandade, uma coisa legal... (Gbson França Rolim, Fortaleza, 01 de agosto de 2013)

Isto é, ser membro da Garra Tricolor significava estender as relações estabelecidas na torcida para a vida de cada sujeito, para a construção de subjetividades não dissociadas do coletivo. Assim, o pertencimento à torcida se refletia na vida individual, no comportamento e nos costumes dos componentes. Desse modo, salientamos a necessidade de compreender como os sujeitos pertencentes à Garra

Tricolor formaram uma tessitura de experiências que constituíram sociabilidades em uma teia de significados afetivos entorno da torcida organizada Garra Tricolor. As relações construídas pelos membros dessa torcida não se restringiram aos espaços nos estádios de futebol, sendo ampliadas para o cotidiano em encontros, viagens, eventos em prol do clube e outros espaços que fortaleciam o pertencimento à torcida. Temos como hipótese que a construção desses laços sociais possibilitou a consolidação, a permanência e a continuidade das torcidas organizadas na sociedade, embora com premissas e ideologias distintas quando comparada as Torcidas Organizadas atuais.

Por muito tempo, a Garra Tricolor estabeleceu critérios para quem queria ser membro, principalmente a amizade, a afetividade. Ser amigo de um dos componentes era fundamental para o controle interno da Garra Tricolor. Nesse sentido, a torcida ganhou uma conotação familiar, em que muitas mulheres participavam das atividades da torcida, as esposas acompanhavam seus companheiros e irmãos vivenciavam aquelas experiências.

Para além dessa conotação, a torcida Garra Tricolor mantinha suas reuniões semanalmente e, por esta organização, conseguiu sobreviver diante das adversidades e problemas em manter a torcida organizada. Pela combinação entre a tradição – através das charangas e o ambiente familiar – e a absorção de novos elementos – o comportamento crítico e as inovações estéticas do espetáculo, a Garra Tricolor possibilitou a consolidação do processo de formação das torcidas organizadas em Fortaleza, embora alguns comportamentos terem sido deturpados em outras experiências.

Alguns apontamentos e desfechos

Lançamos a proposta de analisar a formação da tradição das torcidas organizadas. Assim, recortamos este estudo na cidade de Fortaleza e tomamos a experiência da torcida Garra Tricolor para avaliarmos como se deu a estruturação e a organização desse agrupamento no contexto dos anos 1980.

Nesse sentido, captar as razões que fizeram indivíduos unirem-se diante de uma torcida organizada constituiu a *creme de la creme* dessa história, cuja dificuldade

nos remete a traduzir os sentimentos desses agrupamentos, em especial o da torcida Garra Tricolor, fundada em 1980.

A meta do historiador se faz diante da relação com o empírico, compondo tramas, levantando hipóteses, traçando desfechos de uma outra realidade e de experiências que movimentaram outro tempo. Ao historiador, portanto, cabe o papel de selecionar as fontes, experimentá-las, cruzá-las e utilizá-las conforme as questões que levanta a partir do tempo da sua escrita (CERTEAU, 1982).

Nessa experiência, os depoimentos utilizados como fontes foram tratados a luz do “ouvir contar” (ALBERTI, 2004), onde as memórias individuais foram relacionadas a memória coletiva da torcida organizada, tentando perceber o plano de fundo, os sentimentos e as subjetividades nesses processos de rememoração (JUCÁ, 2011). Portanto, foi possível considerar as fontes orais devido às técnicas e aos procedimentos da História Oral, compreendendo que esta é uma metodologia que aproxima as diversas ciências humanas e propõe um conhecimento transdisciplinar (AMADO; FERREIRA, 2001).

Inserimos este trabalho na corrente historiográfica da História Cultural pela abordagem que assumimos com o estudo do urbano, pois, segundo Peter Burke, “outros historiadores culturais estão mais preocupados com as subculturas urbanas, em particular com a cidade grande como palco que oferece muitas oportunidades para a apresentação ou mesmo a reinvenção do eu” (BURKE, 2008).

Em suma, as torcidas organizadas se apresentam e se reinventam diante do palco oferecido pelas cidades, configurando experiências relevantes para a apropriação do conhecimento científico. Dessa forma, a torcida organizada Garra Tricolor abre-se para a investigação na medida em que se situa na realidade urbana, agrega comportamentos da cultura juvenil e transforma a vida de indivíduos na história através do esporte

Bibliografia

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 4^a ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

BOUTIER, Jean. JULIA, Dominique. Em que pensam os Historiadores? In **Passados recompostos; campos e canteiros da história / organização Jean Boutier [e] Dominique Julia; tradução de Marcella Mortara [e] Anamaria Skinner**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Edirotra FGV, 1998, p.21-61.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2004.

BURKE, Peter. Um novo paradigma in **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008, p.68-98.

CAVALCANTI, Everton Albuquerque; SOUZA, Juliano; CAPRARO, André Mendes. **O fenômeno das torcidas organizadas de futebol no Brasil** - elementos teóricos e bibliográficos. Revista da Alesde, v. 3, p. 39-51, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)**. 2008. 771 f. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MELO, Victor Andrade de. Murad, Mauricio. SANTOS, João Manuel C. Malaia. FORTES, Rafael. **Pesquisa histórica e História do Esporte** / Victor Andrade de Melo. Editora: 7 letras; Coleção Visão de Campo, 2013, 192 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. História Cultural: caminhos de um desafio contemporâneo in **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural**. Sandra Jatahy Pesavento, Nádia Maria Weber dos SANTOS Miriam de Souza Rossini; Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008, p.11-18.

RIBEIRO, Luiz (Org.). **Futebol e globalização**. Jundiaí: Fontoura, 2007.